



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**FRANCISCO KLÉBIO MONTEIRO DA SILVA**

**O DUPLO EM “AS ACADEMIAS DE SIÃO” E EM “A GAROTA  
DINAMARQUESA”: UM ESTUDO PSICO-LITERÁRIO**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2016**

**FRANCISCO KLÉBIO MONTEIRO DA SILVA**

**O DUPLO EM “AS ACADEMIAS DE SIÃO” E EM “A GAROTA  
DINAMARQUESA”: UM ESTUDO PSICO-LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Humanidades da Universidade Estadual  
da Paraíba como requisito necessário à  
obtenção do título de graduado em  
Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Msc. Fábio Pereira  
Figueirêdo

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Francisco Klébio Monteiro da.  
O duplo em "As academias de Sião" e em "A garota dinamarquesa" [manuscrito] : um estudo psico-literário / Francisco Klébio Monteiro da Silva. - 2016.  
37 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2016.  
"Orientação: Prof. Me. Fábio Pereira Figueirêdo,  
Departamento de Letras e Humanidades".

1. Duplo. 2. Psicanálise. 3. Transgeneridade. I. Título.

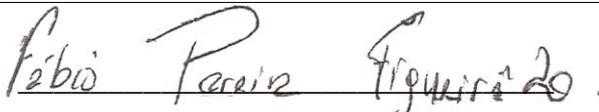
21. ed. CDD 150.195

FRANCISCO KLÉBIO MONTEIRO DA SILVA

O DUPLO EM “AS ACADEMIAS DE SIÃO” E EM “A GAROTA DINAMARQUESA”:  
UM ESTUDO PSICO-LITERÁRIO

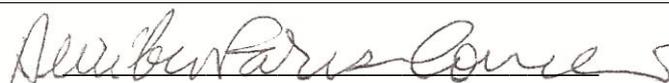
APROVADO EM: 17/10/2016.

BANCA EXAMINADORA



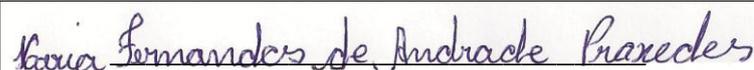
Prof. Msc. Fábio Pereira Figueirêdo (orientador)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ *Campus IV*



Prof. Dr. Aurílio Farias Conceição (examinador)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ *Campus IV*



Prof. Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ *Campus IV*

Catolé do Rocha - PB

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Ao término de mais uma etapa essencial para o meu crescimento pessoal, social e acadêmico, gostaria de deixar aqui os meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram grandemente para o meu êxito até aqui. Primeiramente, agradeço pelo apoio incondicional de minha família e amigos que sempre estiveram dispostos a me ajudar em toda e qualquer situação em que deles precisei.

Agradeço também à minha segunda família, irmãos (presentes, na verdade) que ganhei na graduação: João Saraiva, Miaponira Alves, Hiane Gomes, Mérica Silva, Danilo Pinheiro, Érica Andrade e Luzinete Barreto – a família CROSS! Muito obrigado! Amo vocês!

Deixo também a minha gratidão aos meus mestres que, desde os meus primeiros passos na escola, me prepararam para este momento. Obrigado Trajano Pires da Nóbrega! Sem a sua competente equipe de professores eu não seria o que sou hoje. Posso dizer o mesmo do time de professores que me acompanhou ao longo da graduação no campus IV. Sinto-me orgulhoso por ter sido, de certo modo, moldado por mestres tão dedicados e atenciosos.

Por último, agradeço ao professor Fábio Figueirêdo, meu orientador, por todo o auxílio prestado na construção deste trabalho de conclusão de curso. Ser orientado por você foi, para mim, um prazer imenso! Obrigado!

*“Spread your wings and fly...”*

*Mariah Carey*

## RESUMO

A dualidade humana constitui uns dos temas mais discutidos e intrigantes, seja na literatura, no cinema ou na psicologia, gerando diversos debates acerca do motivo, uma vez que o duplo pode se manifestar de distintos modos. É sabido que os elementos constitutivos do duplo estão diretamente ligados aos planos espiritual, existencial e místico e que o caráter dúbio pode ser gerado a partir de uma clivagem do Eu, ocasionada, normalmente, pelos choques entre as unidades que compõem a psique humana. Este trabalho objetiva, assim, analisar, de forma comparativa, sob a ótica Freudiana (1919) e Rankiana (2015) as representações do fenômeno do duplo em duas obras: A primeira, um conto de Machado de Assis produzido no final do século XIX, “As Academias de Sião”, e a segunda, uma produção cinematográfica de Tom Hooper lançada em 2015, “A Garota Dinamarquesa”. A temática que permeia ambas as obras é a mesma, a transgeneridade. Há, no entanto, alguns pontos de divergência entre as duas obras, como o contexto de produção, o caráter antagonista da figura dúbio e a inserção de uma das obras no gênero Fantástico. A conclusão chegada foi que, em ambos os casos, o choque entre o Id e o superego (dicotomia desejos x imposições morais e sociais) foi responsável pela cisão da personalidade dos personagens principais de ambas as obras, gerando, assim, os seus duplos.

**Palavras-chave:** Duplo; Psicanálise; Transgeneridade.

## ABSTRACT

Human duality provides one of the more discussed and intriguing subjects, whether in literature, in cinema or in psychology, inducing several pleadings about the theme, since the double can show through in different ways. It's known that the constitutive elements of the double are intricately linked to spiritual, existential and mystic plans and that its feature might be generated by an ego's cleavage, originated, usually, by the shocks between the pieces of human psych. That said, this paper aims to analyze, in a comparative way, under Freud's (1919) and Rank's (2015) points of view, the representation of this phenomenon in two work of art: The first one, a tale written by Machado de Assis in the late XIX century, “The Academies of Zion” (As Academias de Sião), and the second one, the 2015 Tom Hooper's cinematographic production “The Danish Girl”. The subject that permeates both works is the same, the transgenerity. There are some divergent points between them, though, as the production context, the antagonist form of the double and the literary genre. The reached conclusion was that the personality cleavage was, in both cases, generated by the conflict between the It and the superego of both characters.

**Key-words:** Double; Psychanalysis; Transgenerity

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2 O DUPLO PARA FREUD</b>	10
<b>3 O DUPLO PARA RANK</b>	13
<b>4 O DUPLO EM “AS ACADEMIAS DE SIÃO”</b>	17
<b>5 O DUPLO EM “A GAROTA DINAMARQUESA”</b>	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	24
<b>REFERÊNCIAS</b>	26
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do duplo são vastos e englobam diversas áreas do conhecimento que se interpenetram. A ideia de um ser avulso ao eu que, apesar da semelhança física, é um ser completamente diferente fascinou a humanidade desde seus primórdios. Damasceno (2010) pontua que diversos elementos relacionados ao duplo permeiam a existência humana e dizem respeito aos planos existencial (homem/animal, espírito/ corpo, vida/morte, masculino/ feminino), e místico (deus/ diabo, céu/ inferno, anjo/ demônio). Tais dicotomias são, de acordo com o seu pensamento, responsáveis pela angústia do homem.

A criação humana, de acordo com a Bíblia, representa uma forma clássica de duplo: A cisão, no caso, física:

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher e trouxe-a a Adão, E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; Esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. (GENESIS, Capítulo 2, Versículos 21-23, 2012)

Grosso modo, o conceito de cisão/ clivagem é usado para designar uma separação dos elementos constitutivos do ego, sendo, assim, uma forma primitiva de recalque. Na narrativa bíblica, tal fenômeno se manifesta claramente na passagem do livro Gênesis citada acima. O homem, moldado a partir da argila, teve uma parte de si arrancada (costela) para dar origem à figura da mulher, o seu duplo.

Há ainda, sobre o duplo, diversas considerações críticas. Neste trabalho serão usadas, majoritariamente, as de Freud (1976), Rank (2013) e King (2012). As classificações topográfica e estrutural de personalidade freudianas e as questões relacionadas à vida e à morte propostas por Rank serão elementos norteadores desta pesquisa. Em um primeiro momento, faz-se necessária, no entanto, uma conceituação de duplo. Para Mijolla (1997, p. 528) em seu Dicionário Internacional da Psicanálise este poderia ser definido como:

Uma representação do Eu que pode tomar diversas formas (sombra, reflexo, retrato, sócia, gêmeo) encontradas no animismo primitivo como extensão narcísica e garantia de imortalidade, mas que, com o recuo do narcisismo, torna-se um anúncio da morte, uma instância crítica, até mesmo um perseguidor.

Esse aspecto de perseguidor é apresentado por Rank (2013) em sua obra *O Duplo*, publicado originalmente em 1925. Nele, o autor se debruça sobre o tema e as suas representações na Literatura o observando sob um ponto de vista psicanalítico. O duplo representa, de acordo com Rank (2013), uma dicotomia representada pelo igual e pelo diferente, uma vez que trata de um ser, na maioria dos casos, fisicamente idêntico ao protagonista, porém com uma personalidade completamente diferente, normalmente inclinada a transtornos de conduta, o que pode explicar o seu caráter antagonista. Nota-se que o espelho é sempre um elemento chave nas narrativas envolvendo o duplo. Uma descrição mais detalhada pode ser encontrada no segundo capítulo da obra:

Sempre se trata de uma imagem idêntica a do protagonista, até nos mínimos traços, como nome, voz e indumentária, que, “como roubada do espelho” (Hoffmann), geralmente aparece para o protagonista em um espelho. Esse duplo também sempre lhe atrapalha a vida, e, via de regra, a relação com a mulher vira uma catástrofe, que pode acabar em suicídio – como consequência indireta da morte planejada para o perseguidor incômodo. Em uma porção de casos, isso se confunde com uma autêntica mania de perseguição, ou mesmo é substituído por ela, que então é representada como um consumado sistema delirante paranoico. (RANK, 2013, p.60)

Convenciona-se representar o duplo como uma figura maligna que persegue o Eu e, em muitos casos, o leva a ruína. Os romances góticos *Frankenstein* (Shelley), *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (Stevenson) e *O Retrato de Dorian Gray* (Wilde) contemplam o duplo como antagonista. O final é, na maioria das vezes, trágico e culmina na morte do personagem principal.

Há, muitas vezes, nas obras que trazem a temática do duplo certo caráter denunciativo, uma vez que esta figura representa os anseios mais primitivos do ser humano e que, devido às cobranças e imposições sociais, religiosas e morais, são reprimidos. Em *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, por exemplo, Stevenson (2015) denuncia a hipocrisia da alta sociedade britânica no final do século XIX. Dr. Jekyll, respeitado médico londrino cria, com o intuito de se livrar de uma série de atribuições morais e sociais e realizar todas as suas vontades reprimidas, uma poção

mágica que o transforma instantaneamente em outra pessoa com traços físicos e psicológicos completamente diferentes, Ao seu duplo se deu o nome de Mr. Hyde. É importante observar que aqui temos um caso de parcial fuga aos padrões de duplo estabelecidos e discutidos por Rank, uma vez que há uma considerável diferença física entre o personagem e a sua duplicata.

Nesta obra, segundo o próprio, feita sem maiores ambições artísticas, Stevenson apresenta o duplo, de acordo com King (2012, p. 112), como um ser relacionado à licantropia:

Enfield encerra seu relato com uma das mais expressivas descrições de Lobisomem de toda a ficção de terror. Mesmo que a descrição seja muito diferente do que nós geralmente entendemos por descrição, ela é muito eloquente – todos entendemos o que Stevenson quer dizer, e ele previu que isso aconteceria, porque aparentemente sabia que todos nós somos macacos velhos na tarefa de nos proteger dos mutantes.

Abaixo, segue a descrição de Hyde feita por Enfield a Utterson:

Não é fácil descrevê-lo. Há algo de errado com a sua aparência; algo de desagradável, algo de positivamente detestável. Nunca vi um homem com quem tivesse antipatizado tanto, e agora mal sei por quê. Deve ser deformado de algum modo; passa uma forte impressão de deformidade, embora eu não esteja apto a especificá-la. É um homem de aparência extraordinária, e, no entanto não sou capaz de mencionar uma única característica incomum (...) E não é por me falhar a memória, pois afirmo-lhe que sou capaz de visualizá-lo neste exato instante. (STEVENSON, 2015, p. 67)

A figura do lobisomem é um dos arquétipos mais evidenciados da cultura gótica e forma, juntamente com as figuras do vampiro e da “coisa inominável”, uma espécie de trindade do terror. Isso se deve a três grandes nomes que marcaram a Literatura Fantástica Ocidental: Stevenson, Shelley e Stoker. Suas obras foram, inicialmente, marginalizadas e consideradas de um aspecto inferior devido às suas temáticas, no entanto influenciaram gerações e foram responsáveis pela construção de uma cultura do medo cujos elementos permeiam a cultura de massa contemporânea. Essa invasão gótica na indústria cultural pode ser facilmente constatada no cinema, veículo midiático que desde a década de 1950 traz essa temática, seja através de obras originais ou de adaptações de livros, esta última sendo uma prática comum nos dias atuais.

O poder midiático das histórias de terror é tanto que, a título de comparação, Frankenstein (2015) já foi mais adaptado cinematograficamente que a Bíblia. O grande apelo comercial do gênero no cinema é explicado por King (2012, p. 34) como uma forma de driblar o horror real, o pavor das guerras, das ditaduras e das tragédias cotidianas e o substituir por um ficcional e fantástico que culmina, na maioria das vezes, em final feliz:

[...] nós inventamos horrores para nos ajudar a suportar os horrores verdadeiros. Contando com a infinita criatividade do ser-humano, nos apoderamos dos elementos mais polêmicos e destrutivos e tentamos transformá-los em ferramentas – para dismantelar esses mesmos elementos.

É importante que consideremos que o terror mencionado por King não deve ser, necessariamente, explícito. O terror psicológico é algo recorrente no cinema e literatura e, na maior parte das vezes, uma vitrine para o duplo. Da aflição e vontade incontrolável de degustar uma barata (A paixão segundo G.H., Lispector, 1964) ao terror de não reconhecer a si mesmo e sentir que seu eu está sendo usurpado (The Danish Girl, Hooper, 2015; As Academias de Sião, Machado de Assis, 2003), essa vertente do terror tem sido cada vez mais apreciada e usada como forma de traduzir alguns dos maiores medos do ser humano.

Fazendo uma análise comparativa entre a obra de Machado de Assis e a produção cinematográfica de Hooper, este trabalho tem como objetivo discutir algumas das concepções mais aceitas de duplo, seja na Literatura ou na Psicanálise, assim como apontar, nas obras escolhidas, elementos que ratifiquem ou refutem tais pensamentos.

## **2 O DUPLO PARA FREUD**

As relações de dualidade estão estreitamente ligadas ao pensamento psicanalítico. Freud (1976), principal nome e pai da psicanálise, traz algumas ricas contribuições acerca da temática. Como já mencionado anteriormente, seus modelos de análise de personalidade são de suma importância para a compreensão do duplo enquanto clivagem do ego.

A dualidade primitiva do ser humano encontra-se nos conflitos da psique: consciente e inconsciente, ego e superego, bom e mau, etc. Para Freud (1976), de

acordo com o seu modelo topográfico de análise de personalidade, a psique humana é como um iceberg: Uma pequena parte é exposta enquanto mais de 80% de sua constituição é imersa nas águas do oceano. A menor parte, exposta, cume do imenso bloco de gelo, corresponde ao consciente, porção mais conhecida da mente e facilmente acessível. O consciente é responsável, assim, pelo conhecimento e reconhecimento imediato da realidade constituindo, como a própria nomenclatura indica, os pensamentos da porção consciente da psique.

Já o inconsciente, maior parte da psique, parte submersa do iceberg, segundo a alegoria, é o fragmento mais desconhecido da mente humana. Através do qual é possível explicar as origens de medos e de determinados comportamentos não explicados pela fatia consciente da mente. Para que entenda as relações entre tais comportamentos e fobias e o inconsciente faz-se necessária a inserção de um novo conceito freudiano. Entra aqui o que é, segundo o próprio Freud (1976), o pilar edificador da psicanálise: o Recalque (*Die Verdrängung*<sup>1</sup>g).

O Recalque constitui, para Freud (1976), um elemento primitivo do ser humano: o mecanismo de autodefesa. Frente a um evento traumático ou vergonhoso, como forma de preservação do ego, a mente reprime tal acontecimento e o bane da parte consciente da mente de modo que, como uma amnésia, o evento é completamente esquecido. Esse material recalado não é excluído, é apenas transferido para uma região de difícil acesso da psique, o fundo do iceberg, o inconsciente, e pode, a partir das mais diversas situações, vir à tona, indiretamente, por meio de alguma fobia ou comportamento incomum.

O objeto recalado muitas vezes não depende de um elemento externo, podendo muitas vezes ser um pensamento ou desejo do ego que, devido a atribuições morais e sociais, não pôde ver a luz do dia. Um exemplo que ilustra de forma devida esse fenômeno é o chamado “Complexo de Édipo”, elemento importante e recorrente no desenvolvimento psicosssexual do ser humano que é, ainda hoje, visto como um grande tabu. Baseando-se na tragédia grega Édipo Rei, Freud (1976) formula uma teoria comportamental que, assim como a totalidade de seu pensamento, admite o caráter sexual humano desde a idade mais tenra e afirma que a relação mãe, filho e pai pode ser marcada por um desejo, de certa forma, incestuoso do filho pela mãe e pela constante interferência do pai, normalmente, uma figura odiada. Na tragédia

---

<sup>1</sup> Termo original em alemão.

Sófocles (1997), Édipo, rei de Tebas, assassina, por engano, o seu pai, Laio, e casa-se com sua própria mãe, Jocasta. Devido às atribuições morais da sociedade, nutrir sentimentos dessa natureza é algo inadmissível e revoltante. É esse sentimento de revolta e de autopreservação do ego que recalca essas ideias, as transferindo para o inconsciente.

Essa batalha constantemente travada entre a moralidade e desejos primitivos do ser humano nos conduz ao modelo estrutural de análise de personalidade postulado por Freud (1976) como forma de atualização do modelo topográfico até então vigente. Consciente e inconsciente são substituídos por Id e superego, o primeiro sendo regido pelo princípio do prazer e o segundo, pelo princípio da regra, constituindo uma dualidade bem ilustrada por Apolo e Dionísio na mitologia grega.

Em “O Nascimento da Tragédia”, Nietzsche (2013) apresenta o apolíneo-dionisíaco como forma primária da dualidade humana. A ética e a satisfação pessoal desregrada são elementos intrínsecos à personalidade humana e que vivem em conflito. A medida, a moral, a harmonia intelectual apolínea contrasta com a espontaneidade, liberdade e valorização dos desejos dionisíacos. Nietzsche postula ainda que essa dualidade é essencial para o progresso da ciência, da arte e até mesmo da existência do homem:

Teremos ganho muito para a ciência estética ao chegarmos não só à compreensão lógica, mas também à imediata segurança da opinião de que o progresso da arte está ligado à duplicidade do Apolíneo e do Dionisíaco; de maneira parecida com a dependência da geração da dualidade dos sexos, em lutas contínuas e com reconciliações somente periódicas. Estes nomes tomamos emprestados aos gregos, que manifestam ao inteligente as profundas ciências ocultas de sua concepção artística não em idéias, mas nas figuras enérgicas e claras de seu mundo mitológico. (NIETZSCHE, 2013, p.36)

O Apolíneo-Dionisíaco dialoga com as teorias freudianas propostas em seu modelo estrutural de personalidade, uma vez que, assim como no exemplo da mitologia grega, as poções Id e superego coexistem em conflito na psique humana e os resultados desses atritos constantes se manifestam nos sujeitos de diversas formas (até mesmo através de neuroses e psicoses).

De acordo com o modelo estrutural de Freud (1976), a personalidade humana é dividida em três grandes fragmentos indissociáveis: Ego (O eu), Id (O isto) e Superego (O acima do eu). O Id é a parte nata dos sujeitos e é regida pelo princípio

básico do prazer, da liberdade e da satisfação das vontades, sendo responsável pelos instintos mais primitivos do homem. Uma criança na fase inicial do seu desenvolvimento psicosexual nos exemplifica de maneira adequada as ações do Id na personalidade humana, uma vez que, por não conhecer as regras de convivência social, esta não terá pudor algum ao andar sem roupa ou fazer suas necessidades fisiológicas ao ar livre, por exemplo. Tal parte da psique humana relaciona-se, deste modo, ao dionisíaco. O conceito freudiano dialoga com o proposto por Groddeck (s/a) *apud* Garcia-Roza (2015, p.9) em O Livro D'Isso:

Acredito que o homem é vivido por algo desconhecido. Existe nele um “Isso”, uma espécie de fenômeno que comanda tudo que ele faz e tudo lhe acontece. A frase “Eu vivo...” é verdadeira apenas em parte; ela expressa uma pequena parte dessa verdade fundamental: o ser humano é vivido pelo Isso.

O Superego é tido como a parte social da personalidade. Consiste, pois, nas regras de convivência, na moral, na ética e nas atribuições sociais. Está diretamente ligado ao “*nome-do-pai*” lacaniano<sup>2</sup>, sendo responsável, assim, por frear os impulsos do Id, “humanizar” e adaptar os sujeitos ao convívio social, entendendo e respeitando a individualidade de cada ser. Temos aqui a parte apolínea. No meio desse conflito entre id e superego, encontra-se o ego, que tem como função equilibrar os dois lados. A dicotomia ego x superego é uma das manifestações mais clássicas do duplo.

### 3 O DUPLO PARA RANK

Rank é, certamente, o maior estudioso do duplo, nos deixando as contribuições mais relevantes acerca do tópico. Discípulo de Freud, foi nomeado primeiro secretário da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1906. Depois de uma parceria de vinte anos com o pai da psicanálise, por divergências de pensamento, dele se distanciou.

Em seu ensaio, sugestivamente chamado “O Duplo”, Rank (2013) analisa o fenômeno através de diversos prismas como a literatura, folclore, antropologia, superstição e o apresenta como um tópico relacionado diretamente à forma como o

---

<sup>2</sup> Para Lacan (1998), “o nome-do-pai” seria uma alegoria para uma figura autoritária que dita as regras de convivência e comportamento moral e social, convergindo como o conceito de Superego postulado por Freud.

homem lida com a relação vida/morte. O autor afirma que temas relacionados a antigas tradições populares e carregados de um forte teor psicológico são recorrentes no meio artístico e que se renovam perante a necessidade de uma nova e atualizada forma de representação. Essa representação de tais temáticas na literatura e no cinema imita a dinâmica dos sonhos e nos possibilita uma mais clara compreensão de relações psicológicas normalmente inacessíveis. Segundo ele:

[...] Todos esses temas, que provém da pré-história da humanidade e retornam a ideias primitivas, ganharam uma forma poética em alguns escritores que se preocupavam especialmente com o assunto. Eles coincidem em alto grau com o significado primitivo desses motivos, mas tarde obscurecido. Em última instância, retomam o problema essencial do Eu – o que o adaptador moderno, apoiado ou forçado pela nova tecnologia de representação, coloca de forma tão clara no primeiro plano e assim deixa falar uma tão expressiva linguagem imagética. (RANK, 2013, p.17)

Rank (2013) associa o Duplo a um pacto diabólico em que, em troca de algum favor, o personagem principal vende o seu reflexo ou sua sombra a uma entidade maligna. A transgressão às leis da natureza pode ser considerada um pacto diabólico, uma vez que, em troca de alguma habilidade naturalmente inconcebível, o personagem deve abrir mão de sua alma, família ou humanidade. Exemplo disso é o personagem Dorian em “O Retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde (2012). O moço de beleza inimaginável é usado como o modelo perfeito e inspirador do conservador pintor Basil Haward e, ao deparar-se com o seu retrato, pintado em tamanho real, viu-se deprimido por perceber que, diferentemente da sua representação na tela, iria envelhecer e perder a sua beleza. Em uma atitude narcísica, Dorian desejou conservar para sempre a sua juventude e beleza, transferindo, desse modo, os efeitos do tempo à sua imagem, anseio este que lhe foi concedido em troca de sua alma:

- Como é triste! Eu envelhecerei e me tornarei asqueroso, mas esse retrato permanecerá eternamente jovem. Quisera fosse o contrário: como seria realizador se eu pudesse me manter eternamente jovem e a pintura ficasse mais velha. Para conseguir isso eu faria qualquer coisa. Eu entregaria minha alma. (WILDE, 2012, p.22)

O quadro passou a representar a alma de Dorian. A cada transgressão cometida, uma nova marca era encontrada em sua imagem, enquanto a sua juventude e exuberância eram mantidas intocadas. Devido à sua vida desregrada e marcada

pela crueldade e sadismo, o retrato de Dorian Gray continha todas as marcas de sua consciência, tendo sido posteriormente, como forma de esconder a sua essência, destruído pelo mesmo, o que provocou a sua morte:

Havia um Deus que exigia que os homens revelassem seus atos perversos para a terra e para o paraíso. Mas será que ele realmente deveria confessar? Nunca! A única testemunha de suas ações era o quadro. Ele iria destruí-lo. [...] Uma vez que o retrato fosse destruído, Dorian ficaria livre de seu passado e daquela alma que tanto o perturbava. Ele agarrou a ferramenta e apunhalou a tela. [...] Ao entrarem, encontraram, pendurado na parede, o retrato de seu patrão, uma pessoa atraente e jovem. No chão, o cadáver de um homem extremamente bem vestido e com uma faca cravada no coração. (WILDE, 2012, p.138)

Temos aqui uma das características mais marcantes da dualidade. Como forma de autopreservação do ego, o Eu tenta livrar-se da figura inconveniente que, na maioria dos casos o persegue e faz de sua vida um verdadeiro inferno. Para Rank (2013, p. 32):

O impulso de se livrar do sinistro adversário de forma violenta faz parte, conforme vimos, dos traços essenciais do motivo, e quando se cede a esse impulso, [...] fica patente que a vida do duplo está intimamente ligada à da própria pessoa.

Outro ponto interessante na constituição do personagem de Wilde e do motivo do duplo é o medo patológico. Rank (2013) afirma que o medo é responsável por criar um “assustador espectro do duplo”, tornando reais os desejos mais íntimos do eu, normalmente recalçados pelo superego. O forte sentimento de culpa que sucede as ações erráticas transfere, assim, as responsabilidades pelos atos cometidos a uma figura dupla:

O sintoma mais evidente desse estado psíquico parece ser um forte senso de culpa que obriga o herói a não assumir a responsabilidade de certos atos do seu ego, mas sim transferi-la a um outro Eu, um duplo, que personifique o próprio diabo ou que seja criado por um pacto diabólico. [...] Esse sentimento de culpa, que tem diferentes fontes, prescinde [...], por um lado, da distância entre o Eu-ideal e a realidade alcançada, por outro lado, é alimentado por um poderoso medo da morte e cria violentas tendências de autopunição, que também condicionam o suicídio. (RANK, 2013, p.128)

Em sua obra, Rank (2013) nos traz também uma outra forma de duplo, um pouco menos convencional que a vista anteriormente. Trata-se de um duplo interior.

A cisão, nesse caso, deixa de ser física e passa a ser psicológica. As obrigações e imposições do superego em detrimento ao *id* condicionam uma clivagem de personalidade, constituindo assim um duplo internalizado:

[...] Essas representações do motivo se aproximam de um extremo que tem apenas uma relação frouxa com o nosso tema. Se antes tratava-se de um duplo corpóreo, que acabava desembocando na mais distante comédia de erros; ou de uma imagem idêntica despreendida do Eu e tornada independente (sombra, reflexo, retrato), agora nos deparamos com uma forma de representação oposta da mesma constelação psíquica: são representadas, a saber, duas existências diferentes da mesmíssima pessoa, separadas pela amnésia. (RANK, 2013, p.38)

Essa forma de representação do duplo é a que mais se aproxima do mito do lobisomem proposto por King (2012). O outro Eu encontra-se intrinsecamente na psique do personagem, se manifestando após estímulos físicos, mentais ou sobrenaturais. Já mencionado anteriormente, o romance de Stevenson, O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, exemplifica bem essa dualidade na personalidade humana, pois, apesar da transformação física, Jekyll e Hyde continuam sendo a mesma pessoa. O Outro seria, nesse caso, o *id*, o prazer, a vontade, enquanto o Eu seria o superego, a moral e a medida:

Jekyll parece estar observando o comportamento de dois indivíduos distintos que, por acaso, coexistem em sua consciência. A poção transforma tal ideia em realidade. Ao “liberar” o seu Hyde, Jekyll começa a caracterizá-lo, vesti-lo, classificá-lo e elaborar moralizações sobre ele, ao mesmo tempo horrorizado e excitado com o seu comportamento. (MIGHALL, 2015, p.35)

Essa manifestação do duplo é recorrente na literatura fantástica, encontrando exemplares, inclusive, nas produções Brasileiras. Murilo Rubião, precursor do estilo no Brasil, tem vasta obra sobre a temática. Destaquemos aqui uma de suas obras mais célebres: O ex-mágico da taberna Minhota. Na narrativa é claramente constatável a presença do elemento insólito e do *non sense*, caracterizando-a, portanto, como uma obra maravilhosa. Caillois (1966) afirma que toda manifestação do fantástico constitui uma ruptura do *status quo*, das leis da realidade e da ordem, uma espécie de “irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana” (p.161). Considerando que, para Todorov (2007, p. 47) o fantástico consiste no momento da hesitação entre a dualidade possível/impossível, os acontecimentos

descritos nas narrativas de Rubião, por exemplo, se enquadram no gênero maravilhoso, pois o leitor (ou o personagem) “decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado”.

O ex-mágico de Rubião, “atirado à vida sem pais, infância ou juventude” (p.19) enfrenta uma crise existencial por não conseguir entender o sentido de sua vida. Dotado de habilidades mágicas, o personagem principal é perseguido e oprimido por seu próprio talento, pois não consegue controlar os seus truques. O auge de seu desespero se deu com as sucessivas e frustradas tentativas de suicídio. Sempre que tentava contra sua vida, involuntariamente fazia um truque de magia que o livrava da morte, deixando clara, assim, uma cisão de personalidade, uma vez que, no mágico, existiam duas pessoas diferentes, uma querendo a morte e a outra, a vida. Poderíamos, assim, considerar que a sua personalidade é dúbia e que as unidades constitutivas de sua psique estariam em conflito. O que o impedia de se suicidar era um instinto inconsciente de autopreservação do ego.

#### **4 O DUPLO EM “AS ACADEMIAS DE SIÃO”**

Joaquim Maria Machado de Assis, considerado pela crítica o escritor mais relevante da literatura brasileira, dispensa apresentações. Autor de romances icônicos como Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado dedicou-se também, com grande êxito, à escrita de contos, crônicas e poesias. Carioca, retratava normalmente o cotidiano da classe burguesa do Rio de Janeiro, mas isso não limitou sua produção literária. A exploração de temas que excediam o horizonte de expectativas da sociedade brasileira do século XIX, bem como as distintas, e até mesmo pitorescas, paisagens em que suas tramas se desenvolviam eram características marcantes de sua prosa e foram responsáveis por sua consagração, praticamente incontestável, como um dos maiores nomes da literatura produzida no Brasil de todos os tempos.

A obra escolhida para análise no presente artigo é um conto produzido em 1884 e compilado no “Volume de Contos”. Em “As Academias de Sião”, Machado apresenta um tema um tanto quanto incomum, principalmente se levarmos em consideração o seu contexto de produção. Machado nos traz uma representação de transgeneridade

e um procedimento de readequação de sexo. Se hoje, em pleno século XXI, tal temática é considerada tabu e tratada de forma delicada, no conservadorismo do século XIX, era vista como fantasiosa e inverdadeira.

Surge em Sião uma grande agitação acadêmica: seria a alma sexual ou neutra? Tal questionamento foi feito a partir da observação do comportamento do rei Kalaphangko que era “virtualmente uma dama”:

Tudo nele respirava a mais esquisita feminilidade: tinha os olhos doces, a voz argentina, atitudes moles e obedientes e um cordial horror às armas. Os guerreiros siameses gemiam, mas a nação vivia alegre, tudo eram danças, comédias e cantigas, à maneira do rei que não cuidava de outra coisa. (ASSIS, 2003, p.93)

O seu reinado era marcado pela anarquia, uma vez que seu terror ao derramamento de sangue e benevolência sem precedentes o tornavam uma figura não respeitada. Poucos impostos eram pagos, o que deixava o reino em uma condição economicamente difícil.

Kinnara, “flor das concubinas régias”, assim como o rei Kalaphangko encontrava-se em conflito com o seu corpo, pois era uma mulher masculina. “Assim como o rei era o homem feminino, ela era a mulher máscula – um búfalo com pernas de cisne”, profere o narrador.

A agitação em Sião deveu-se ao conflito de ideias sobre o gênero da alma humana. As quatro academias que traziam consigo toda a sabedoria do universo tinham visões diferentes acerca da discussão. Três academias defendiam a neutralidade da alma, enquanto uma delas defendia que a alma era sexual e que era isso o que explicava o porquê da feminilidade real. A bela Kinnara cria na última e tratou de convencer o rei de sua autenticidade.

A bela concubina tinha um engenhoso plano. Em um encontro com o rei, após se inteirar da situação financeira do reino propôs: “Vossa majestade decretou que as almas eram femininas e masculinas, [...] Suponha que os nossos corpos estão trocados. Basta restituir cada alma ao corpo que lhe pertence. Troquemos os nossos.”. O rei, não acreditando na possibilidade da proposta de Kinnara, a aceitou, no entanto:

Kalaphangko riu muito da ideia e perguntou-lhe como é que fariam a troca. Ela respondeu que pelo método Mukunda, rei dos hindus, que se meteu no cadáver de um brâmane, enquanto um truão se metia no

dele Mukunda, - velha lenda passada aos turcos, persas e cristãos. (ASSIS, 2003, p.95)

Decidiram, então, realizar tal ritual naquela mesma noite. À luz da aurora, na piroga real nas margens de um rio, Kinnara proferiu as palavras mágicas e a troca se efetuou: Primeiro, a concubina libertou-se de seu corpo e pairou no ar. Em seguida, foi a vez do rei flutuar, despido de seu corpo. Depois as almas penetraram os corpos alheios:

[...] a alma desprende-se-lhe, e ficou pairando, à espera que o corpo do rei vagasse também. O dela caíra no tapete. [...] Mas a alma do rei não ouviu o resto. Lépidia e cintilante, deixou o seu vaso físico e penetrou no corpo de Kinnara, enquanto a desta se apoderava do despojo real. Ambos os corpos ergueram-se e olharam um para o outro, imagine-se com que assombro. (ASSIS, 2003, p.95)

A troca estava feita e ambos estavam satisfeitos em seus novos corpos. O reino prosperou e “Sião tinha, finalmente, um rei”. O acordo deveria durar, no entanto, apenas um semestre. Após o término do período, saudosamente, os corpos foram destracados e tudo voltou a ser como antes em Sião.

O duplo encontra-se de forma clara no conto. As personalidades de Kalaphangko e Kinnara constituem um duplo marcado pelo conflito do corpo e da alma. Há em cada um duas pessoas diferentes: No rei, uma figura feminina; na concubina, uma figura masculina. Temos aqui, portanto, um caso de duplo interior que é, conforme Rank (2013), uma parte distinta da personalidade humana que pode manifestar em algumas situações mediante a certos estímulos, sejam eles físicos, psicológicos ou sobrenaturais.

Em uma perspectiva freudiana, poderíamos enxergar esse duplo como uma porção do inconsciente que, graças às imposições do superego, parte social da psique humana, foi recalcada e que vem à tona posteriormente, conflitando, assim, com o Eu, figura socialmente construída. A dicotomia aqui é: o que se é x o que se deve ser perante a sociedade. O rei Kalaphangko, apesar de ter uma alma feminina, era socialmente cobrado a agir como homem de pulso firme e virilidade ímpar, tarefa que não desempenhava com glória. O mesmo se aplica a Kinnara que tem alma masculina, contanto deve agir com doçura, leveza e submissão, valores morais impostos às damas da época.

O ritual de troca foi, assim, uma forma de trazer harmonia e liberdade às psiques. Ambos os personagens não se identificavam com os seus corpos e com os papéis sociais que lhes eram impostos. Após a troca de corpos, o rei e a concubina finalmente sentiram-se plenamente confortáveis nas peles que habitavam:

Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa adequada. Kalaphangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de Kinnara. Esta inteiriçava-se no tronco rijo de Kalaphangko. Sião tinha, finalmente, um rei. (ASSIS, 2003, p.96)

O duplo pode ser considerado, na narrativa de Machado de Assis, um impostor corpóreo: o gênero biológico e socialmente imposto reprimia e perseguia a real essência dos personagens, as suas almas. Quando o motivo se manifesta dessa maneira, conforme vimos anteriormente, é comum que o Eu seja, de certo modo, condicionado ao suicídio. Como forma de aniquilar o terrível perseguidor, o personagem o assassina, morrendo também, uma vez que o duplo é uma parte do sua constituição psíquica, física e social. Tal fenômeno foi abordado por Wilde em O Retrato de Dorian Gray, também discutido anteriormente no presente trabalho. Dorian, tentando livrar-se de sua abominável alma, alegorizada por uma pintura em tamanho real, e encobrir todos os rastros de suas ações pecaminosas e socialmente inaceitáveis, destrói com uma adaga a tela, morrendo, também, em seguida.

Em As academias de Sião temos uma quebra dessa expectativa de morte do Eu. Kalaphangko (corpo do rei, mas com alma da concubina), ao chegar o fim dos seis meses e restituição dos corpos, cogita assassinar Kinnara (com alma de Kalaphangko), porém não o faz por temer matar a si próprio. O que o impediu, além do impulso de autopreservação do Ego, foi a chegada da maternidade. Ao final do semestre, a restituição aconteceu normalmente, conforme combinado na firmação do acordo:

[...] o rei estava distraído e preocupado; meditava uma tragédia. Ia-se aproximando o término do prazo em que deviam destrococar os corpos, e ele cuidava em iludir a cláusula, matando a linda siamesa. Hesitava por não saber se padeceria com a morte dela, visto que o corpo era seu, ou mesmo se teria de sucumbir também. Era essa a dúvida de Kalaphangko; mas a ideia da morte sombreava-lhe a frente, enquanto ele afagava ao peito um frasquinho com veneno, imitado dos Bórgias. (ASSIS, 2003, p.97)

Outro aspecto constatável na obra diz respeito ao espelhamento da vida pessoal do autor na obra. Para Rank, as personalidades dos personagens das obras compartilham com o autor um estreito parentesco psicológico, visto que a propensão a distúrbios psíquicos e neuróticos pode condicionar a cisão da personalidade e explicar a escolha do motivo:

A predileção pelo tema, além da dependência literária e da idealização, torna psicologicamente compreensíveis as configurações extremamente semelhantes do tema na natureza e nos traços característicos do tipo que temos descrito. (RANK, 2013, p.84)

É possível destacar alguns elementos dúbios na personalidade de Machado de Assis. A negação de sua classe social, de suas origens humildes; a negação de sua etnia, o que o levou a alterar a sua cor para “parda”; e a negação de seu estado de saúde, uma vez que o mesmo era epilético e escondeu esse traço durante toda a sua vida. Essa série de fatos nos permite fazer uma relação entre a vida do escritor de literatura e dos personagens por ele criados.

## **5 O DUPLO EM “A GAROTA DINAMARQUESA”**

A produção cinematográfica de Tom Hooper é uma adaptação do romance homônimo de David Ebershoff (2016) que, por sua vez, é inspirado nos diários de Lili Elbe, primeira pessoa a se submeter a um procedimento cirúrgico de readequação sexual da história, na década de 1930. Estrelado por Eddie Redmayne, vencedor de um Oscar, no papel de Lili Elbe/ Einar Wegener, Alicia Vikander como Gerda Wegener e Matthias Schoenaerts como Hans Axlil, o filme rendeu indicações ao Oscar e foi aclamado pela crítica especializada.

A obra, fiel à produção literária que a originou, conta a história do pintor dinamarquês Einar Wegener e de sua esposa Gerda. Einar identifica-se como uma mulher e frequentemente se refere a si mesmo na terceira pessoa, denotando assim, uma dualidade e cisão na personalidade do personagem.

Assim como o rei Kalaphangko no conto machadiano, Einar é um homem cujas feminilidade e delicadeza se destacam. Desde a mais tenra idade, já continha esses

traços em sua personalidade e modo de agir. Considerado um dos maiores pintores de paisagens de Copenhague, Wegener é um respeitável lorde. O pontapé inicial para a sua transformação foi uma brincadeira. Em uma dos pedantes eventos da alta sociedade dinamarquesa, Einar foi vestido de mulher: Lili, inicialmente uma espécie de alter-ego.

O rumo da estória mudou radicalmente com o envolvimento de Lili e Enrik Sandahl – um rapaz que logo encantou-se da moça. Nesse mesmo e primeiro evento, Gerda os flagrou aos beijos. Após tal episódio, Lili passou a aparecer com mais frequência, fazendo, assim, que todos os traços de Einar fossem, gradativamente, desaparecendo.

Einar procura ajuda médica diversas vezes, mas nenhum médico é capaz de determinar o se passa com ele. A dualidade da personalidade é considerada por um desses médicos uma manifestação da esquizofrenia, diagnóstico comum dado a casos de cisão do gênero. Após diversas tentativas médicas frustradas e Einar, assim como Gerda, admitir ser “uma mulher por dentro”, surge na trama o doutor Warnekross, visionário médico alemão que não só compreende a situação de Wegener, como se propõe a operá-lo e o tornar fisicamente uma mulher. A primeira cirurgia, que consistia na remoção da genitália masculina, correu bem. A segunda, no entanto, fracassou, o que levou à morte do personagem principal.

O duplo interior manifesta-se, assim como em *As Academias de Sião*, de forma clara aqui. O personagem principal tem um vida dupla: De um lado, o respeitado pintor de paisagens de Valje, do outro, uma doce e delicada dama provinciana. Convergindo com a teoria de Rank (2013) sobre o duplo, essa figura, assumindo um caráter perseguidor, leva a vida do Eu à ruína: Wegener adoece, sofre violência física, perde a esposa, amigos. Há algo a se questionar sobre essa assertiva, no entanto – seria o invasor Einar ou Lili?

Poderíamos, com base nos conceitos de Freud, rotular Lili como o Id, o inconsciente e Einar como o superego. Isso porque o Id é a porção mais profunda da psique, regida pelo princípio do prazer. É a única parte nata da constituição da personalidade humana. O Ego e o Superego são porções socialmente construídas como ferramenta para frear os impulsos e desejos inconsequentes e, até mesmo, selvagens do Id. Einar revela em uma cena que, independentemente da forma como ele age ou se veste, quando ele dorme, são sonhos de Lili. Tal fato é ratificado em

uma das últimas cenas da produção, em que, após a segunda cirurgia, a debilitada Lili revela a Gerda o que sonhara: Viu-se quando bebê, no colo de sua mãe. Ela a chamava de Lili:

- Pode me emprestar uma camisola?
- Não. Nós nunca fizemos isso. Lili nunca passou a noite.
- Não importa o que eu estou vestindo. Quando eu sonho, são sonhos da Lili. (HOOPER, 2015, 01:05:54)
  
- O que eu fiz para merecer tanto amor?  
Não há mais nada a temer.
- Não
- Ontem à noite, eu tive o sonho mais lindo. Sonhei que eu era um bebê nos braços da minha mãe. Ela olhava para mim e me chamava de Lili. (HOOPER, 2015, 01:49:08)

Ainda valendo-se da teoria freudiana, é possível que façamos uma outra reflexão. O conceito abordado agora é o do Recalque (*Die Verdrängung*). O recalque é um mecanismo de autodefesa do Ego que consiste basicamente em reprimir um acontecimento traumático ou vergonhoso. Seria, em suma, uma forma de negação. Tal motivo pode ser constatado na produção quando Einar, envergonhado por ter sido flagrado pela esposa aos beijos com Sandahl, finge desconhecer completamente a situação, admitindo, assim, Lili como um ser independente e avulso à sua constituição psíquica. Seguem os diálogos da cena em que Gerda o confronta:

- Como você está?
- Você chegou tarde ontem à noite. Deixei você dormir. Como foi? A Lili se divertiu?
- Acho melhor a Lili não vir mais aqui.
- Tudo bem!
- O que exatamente aconteceu entre você e o Sandahl ontem?
- Nada. Não foi nada.
- Ele sabia que era você?
- Não foi tão simples assim.
- Eu o vi beijar você, Einar. Pode me explicar, por favor?
- Talvez ele soubesse quem eu era, mas eu não era eu o tempo todo. Houve um momento em que era só a Lili e acho que ele percebeu isso. Você entende?
- Mas a Lili não existe. Nós a inventamos.
- Eu sei.
- Estávamos jogando um jogo.
- Eu sei que estávamos. Mas então algo mudou!
- Isso é absurdo. Precisamos parar. Você precisa parar, Einar. (HOOPER, 2015, 00:34:20)

Apesar do recalçamento da experiência, Einar a traz à tona e, posteriormente, aceita o seu duplo, dando a Lili autonomia e controle total de suas ações. A partir

disso, temos uma grande reviravolta na estória: Há uma troca dos papéis - a moça deixa de ser o duplo e passa assumir, então, o lugar do Eu.

Rank (2013) afirma que a morte é um dos elementos mais recorrentes nas narrativas sobre o duplo. Normalmente, o Eu ao tentar se livrar do seu perseguidor o mata, morrendo também. Diferentemente do conto de Machado de Assis, aqui não temos uma quebra de expectativas. O corpo masculino seria o duplo de Lili e foi a sua parcial destruição (remoção da genitália masculina e construção de uma vagina) que a levou à deriva.

A dualidade na constituição da psique da personalidade deve-se, então, ao conflito entre as unidades constitutivas de seu Ego. Einar, internamente, uma dama, sofreu as ações do recalçamento de seu real eu, Lili. Mediante a estímulos (o posar para Gerda no lugar de Ulla, por exemplo), o seu Id manifestou-se de forma incisiva, o que ocasionou a cisão de personalidade. A clivagem pode ter sido condicionada, portanto, pelo choque entre o Ser e a série de atribuições morais e sociais da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O motivo do duplo pode manifestar-se de diversas formas e está relacionado, segundo Freud, aos conflitos internos da psique e, segundo Rank, às relações de vida e morte. Ambos autores convergem quanto ao caráter perseguidor do duplo que, como o folclórico *Doppleganger*, atormenta a vida do Eu e a arruína.

Os casos abordados neste trabalho apresentam esse aspecto do duplo e são similares em sua temática, a transgeneridade. Há, no entanto, alguns pontos de divergência entre as obras. Em “As Academias de Sião”, obra da literatura fantástica produzida no final do século XIX, os duplos não perseguem agressivamente os seus respectivos Eus e, ao final do acordo firmado para a troca dos corpos, tudo correu de forma pacífica, sem dano algum a qualquer uma das partes envolvidas. Já em “A Garota Dinamarquesa”, produção cinematográfica de 2015 baseada na história real de Lili Elbe, primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de readequação sexual da história, temos a figura de duplo como antagonista ferrenho e clássico que, de acordo com Rank, sempre leva o seu Eu à morte. A quebra de expectativas apresentada no conto machadiano não se repete aqui e a personagem principal do filme padece ao

tentar se livrar do seu temível perseguidor (nesse caso, o corpo masculino e todas as imposições morais e sociais por ele acarretadas).

As figuras dúbias seriam, portanto, frutos da clivagem das personalidades dos personagens principais de ambas as obras. As imposições morais e sociais do superego, em conflito com o Id, parte nata da psique, geraram severos conflitos e originaram, deste modo, os duplos, manifestados de forma corpórea. Os duplos de Kalaphangko, Kinnara e Lili eram os seus próprios corpos, uma vez que estes não condiziam com os seus espíritos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**, Capítulo 2, Versículos 21-23 *In* Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990

CAILLOIS, R. **Le coeur du fantastique**. Paris: Gallimard, 1965.

DAMASCENO, João Emeri. **Os Duplos em Dostoiévski e Saramago**. Santa Cruz do Sul. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Letras – Leitura e Cognição. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010

EBERSHOFF, David. **A Garota Dinamarquesa**. Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016.  
FREUD, Sigmund. **O ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1976

GRODDECK, George. **O Livro d'Isso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

HOOVER, Tom. **A Garota Dinamarquesa**. Londres. Working Title Films. 119min. 2015.

KING, Stephen. **Dança Macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ASSIS, Machado de. **As Academias de Sião**. In. Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros. Org. Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003

MIGHALL, Robert. Prefácio. *In* STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro; O estranho caso de dr. Jekyll e sr. Hyde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MIJOLLA, Alain de. **Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições**. Tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Imago, 1997

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Escala, 2013.

RANK, Otto. **O Duplo**. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

RUBIÃO, Murilo. **O Pirotecnico Zacarias e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro; O estranho caso de dr. Jekyll e sr. Hyde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Abril, 2012.

# ANEXOS

## ANEXO 1

### AS ACADEMIAS DE SIÃO

*Machado de Assis*

Conhecem as academias de Sião? Bem sei que em Sião nunca houve academias: mas suponhamos que sim, e que eram quatro, e escutem-me.

I

As estrelas, quando viam subir, através da noite, muitos vaga-lumes cor de leite, costumavam dizer que eram os suspiros do rei de Sião, que se divertia com as suas trezentas concubinas. E, piscando o olho umas às outras, perguntavam: — Reais suspiros, em que é que se ocupa esta noite o lindo Kalaphangko? Ao que os vaga-lumes respondiam com gravidade: — Nós somos os pensamentos sublimes das quatro academias de Sião; trazemos conosco toda a sabedoria do universo.

Uma noite, foram em tal quantidade os vaga-lumes, que as estrelas, de medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e eles tomaram conta de uma parte do espaço, onde se fixaram para sempre com o nome de via-láctea.

Deu lugar a essa enorme ascensão de pensamentos o fato de quererem as quatro academias de Sião resolver este singular problema: — por que é que há homens femininos e mulheres masculinas? E o que as induziu a isso foi a índole do jovem rei. Kalaphangko era virtualmente uma dama. Tudo nele respirava a mais esquisita feminidade: tinha os olhos doces, a voz argentina, atitudes moles e obedientes e um cordial horror às armas. Os guerreiros siameses gemiam, mas a nação vivia alegre, tudo eram danças, comédias e cantigas, à maneira do rei que não cuidava de outra coisa. Daí a ilusão das estrelas.

Vai senão quando, uma das academias achou esta solução ao problema: — Umas almas são masculinas, outras femininas. A anomalia que se observa é uma que se dá de corpos errados.

— Nego, bradaram as outras três; a alma é neutra; nada tem com o contraste exterior. Não foi preciso mais para que as vielas e águas de Bangkok se tingissem de sangue acadêmico. Veio primeiramente a controvérsia, depois a descompostura, e finalmente

a pancada. No princípio da descompostura tudo andou menos mal; nenhuma das rivais arremessou um impropério que não fosse escrupulosamente derivado do sânscrito, que era a língua acadêmica, o latim de Sião. Mas dali em diante perderam a vergonha. A rivalidade desgrenhou-se, pôs as mãos na cintura, baixou à lama, à pedrada, ao murro, ao gesto vil, até que a academia sexual, exasperada, resolveu dar cabo das outras, e organizou um plano sinistro... Ventos que passais, se quisésseis levar convosco estas folhas de papel, para que eu não contasse a tragédia de Sião! Custa-me (ai de mim!), custa-me escrever a singular desforra. Os acadêmicos armaram-se em segredo, e foram ter com os outros, justamente quando estes, curvados sobre o famoso problema, faziam subir ao céu uma nuvem de vagalumes. Nem preâmbulo, nem piedade. Caíram-lhes em cima, espumando de raiva. Os que puderam fugir, não fugiram por muitas horas; perseguidos e atacados, morreram na beira do rio, a bordo das lanchas, ou nas vielas escusas. Ao todo, trinta e oito cadáveres. Cortaram uma orelha aos principais, e fizeram delas colares e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong. Ébrios da vitória, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hino magnífico: "Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a luminária do universo." A cidade acordou estupefata. O terror apoderou-se da multidão. Ninguém podia absolver uma ação tão crua e feia; alguns chegavam mesmo a duvidar do que viam... Uma só pessoa aprovou tudo: foi a bela Kinnara, a flor das concubinas régias.

## II

Molemente deitado aos pés da bela Kinnara, o jovem rei pedia-lhe uma cantiga.

— Não dou outra cantiga que não seja esta: creio na alma sexual.

— Crês no absurdo, Kinnara.

— Vossa Majestade crê então na alma neutra? — Outro absurdo, Kinnara. Não, não creio na alma neutra, nem na alma sexual.

— Mas então em que é que Vossa Majestade crê, se não crê em nenhuma delas?

Creio nos teus olhos, Kinnara, que são o sol e a luz do universo.

— Mas cumpre-lhe escolher: — ou crer na alma neutra, e punir a academia viva, ou crer na alma sexual, e absolvê-la.

— Que deliciosa que é a tua boca, minha doce Kinnara! Creio na tua boca: é a fonte da sabedoria.

Kinnara levantou-se agitada. Assim como o rei era o homem feminino, ela era a mulher máscula — um búfalo com penas de cisne. Era o búfalo que andava agora no aposento, mas daí a pouco foi o cisne que parou, e, inclinando o pescoço, pediu e obteve do rei, entre duas carícias, um decreto em que a doutrina da alma sexual foi declarada legítima e ortodoxa, e a outra absurda e perversa. Nesse mesmo dia, foi o decreto mandado à academia triunfante, aos pagodes, aos mandarins, a todo o reino. A academia pôs luminárias; restabeleceu-se a paz pública.

### III

Entretanto, a bela Kinnara tinha um plano engenhoso e secreto. Uma noite, como o rei examinasse alguns papéis do Estado, perguntou-lhe ela se os impostos eram pagos com pontualidade.

— Ohimé! exclamou ele, repetindo essa palavra que lhe ficara de um missionário italiano. Poucos impostos têm sido pagos. Eu não quisera mandar cortar a cabeça aos contribuintes... Não, isso nunca... Sangue? sangue? não, não quero sangue...

— E se eu lhe der um remédio a tudo? — Qual? — Vossa Majestade decretou que as almas eram femininas e masculinas, disse Kinnara depois de um beijo. Suponha que os nossos corpos estão trocados. Basta restituir cada alma ao corpo que lhe pertence. Troquemos os nossos...

Kalaphangko riu muito da idéia, e perguntou-lhe como é que fariam a troca. Ela respondeu que pelo método Mukunda, rei dos hindus, que se meteu no cadáver de um brâmane, enquanto um truão se metia no dele Mukunda, — velha lenda passada aos turcos, persas e cristãos. Sim, mas a fórmula da invocação? Kinnara declarou que a possuía; um velho bonzo achara cópia dela nas ruínas de um templo.

— Valeu? — Não creio no meu próprio decreto, redargüiu ele rindo; mas vá lá, se a verdade, troquemos... mas por um semestre, não mais. No fim do semestre destroçaremos os corpos.

Ajustaram que seria nessa mesma noite. Quando toda a cidade dormia, eles mandaram vir a piroga real, meteram-se dentro e deixaram-se ir à toa. Nenhum dos remadores os via. Quando a aurora começou a aparecer, fustigando as vacas rútilas,

Kinnara proferiu a misteriosa invocação; a alma desprendeuse-lhe, e ficou pairando, à espera que o corpo do rei vagasse também. O dela caíra no tapete.

— Pronto? disse Kalaphangko.

— Pronto, aqui estou no ar, esperando. Desculpe Vossa Majestade a indignidade da minha pessoa...

Mas a alma do rei não ouviu o resto. Lépidamente e cintilante, deixou o seu vaso físico e penetrou no corpo de Kinnara, enquanto a desta se apoderava do despojo real. Ambos os corpos ergueram-se e olharam um para o outro, imagine-se com que assombro. Era a situação do Buoso e da cobra, segundo conta o velho Dante; mas vede aqui a minha audácia. O poeta manda calar Ovídio e Lucano, por achar que a sua metamorfose vale mais que a deles dois. Eu mando-os calar a todos três. Buoso e a cobra não se encontram mais, ao passo que os meus dois heróis, uma vez trocados, continuam a falar e a viver juntos — coisa evidentemente mais dantesca, em que me pese à modéstia.

— Realmente, disse Kalaphangko, isto de olhar para mim mesmo e dar-me majestade é esquisito. Vossa Majestade não sente a mesma coisa? Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa adequada.

Kalaphangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de Kinnara. Esta inteiriçava-se no tronco rijo de Kalaphangko. Sião tinha, finalmente, um rei.

#### IV

A primeira ação de Kalaphangko (daqui em diante entenda-se que é o corpo do rei com a alma de Kinnara, e Kinnara o corpo da bela siamesa com a alma do Kalaphangko) foi nada menos que dar as maiores honrarias à academia sexual. Não elevou os seus membros ao mandarinato, pois eram mais homens de pensamento que de ação e administração, dados à filosofia e à literatura, mas decretou que todos se prosternassem diante deles, como é de uso aos mandarins. Além disso, fez-lhes grandes presentes, coisas raras ou de valia, crocodilos empalhados, cadeiras de marfim, aparelhos de esmeralda para almoço, diamantes, relíquias. A academia, grata a tantos benefícios, pediu mais o direito de usar oficialmente o título de Claridade do Mundo, que lhe foi outorgado.

Feito isso, cuidou Kalaphangko da fazenda pública, da justiça, do culto e do cerimonial. A nação começou de sentir o peso grosso, para falar como o excelso Camões, pois nada menos de onze contribuintes remissos foram logo decapitados. Naturalmente os outros, preferindo a cabeça ao dinheiro, correram a pagar as taxas, e tudo se regularizou. A justiça e a legislação tiveram grandes melhoras. Construíram-se novos pagodes; e a religião pareceu até ganhar outro impulso, desde que Kalaphangko, copiando as antigas artes espanholas, mandou queimar uma dúzia de pobres missionários cristãos que por lá andavam; ação que os bonzos da terra chamaram a pérola do reinado.

Faltava uma guerra. Kalaphangko, com um pretexto mais ou menos diplomático, atacou a outro reino, e fez a campanha mais breve e gloriosa do século. Na volta a Bangkok, achou grandes festas esplêndidas. Trezentos barcos, forrados de seda escarlata e azul, foram recebê-lo. Cada um destes tinha na proa um cisne ou um dragão de ouro, e era tripulado pela mais fina gente da cidade; músicas e aclamações atroaram os ares. De noite, acabadas as festas, sussurrou ao ouvido a bela concubina: — Meu jovem guerreiro, paga-me as saudades que curti na ausência; dize-me que a melhor das festas é a tua meiga Kinnara.

Kalaphangko respondeu com um beijo.

— Os teus beijos têm o frio da morte ou do desdém, suspirou ela.

Era verdade, o rei estava distraído e preocupado; meditava uma tragédia. Ia-se aproximando o termo do prazo em que deviam destrococar os corpos, e ele cuidava em iludir a cláusula, matando a linda siamesa. Hesitava por não saber se padeceria com a morte dela visto que o corpo era seu, ou mesmo se teria de sucumbir também. Era esta a dúvida de Kalaphangko; mas a idéia da morte sombreava-lhe a fronte, enquanto ele afagava ao peito um frasquinho com veneno, imitado dos Bórgias.

De repente, pensou na douta academia; podia consultá-la, não claramente, mas por hipótese. Mandou chamar os acadêmicos; vieram todos menos o presidente, o ilustre UTong, que estava enfermo. Eram treze; prosternaram-se e disseram ao modo de São: — Nós, desprezíveis palhas, corremos ao chamado de Kalaphangko.

— Erguei-vos, disse benevolmente o rei.

— O lugar da poeira é o chão, teimaram eles com os cotovelos e joelhos em terra.

— Pois serei o vento que subleva a poeira, redargüiu Kalaphangko; e, com um gesto cheio de graça e tolerância, estendeu-lhes as mãos.

Em seguida, começou a falar de coisas diversas, para que o principal assunto viesse de si mesmo; falou nas últimas notícias do ocidente e nas leis de Manu. Referindo-se a UTong, perguntou-lhes se realmente era um grande sábio, como parecia; mas, vendo que mastigavam a resposta, ordenou-lhes que dissessem a verdade inteira. Com exemplar unanimidade, confessaram eles que U-Tong era um dos mais singulares estúpidos do reino, espírito raso, sem valor, nada sabendo e incapaz de aprender nada. Kalaphangko estava pasmado. Um estúpido? — Custa-nos dizê-lo, mas não é outra coisa; é um espírito raso e chocho. O coração é excelente, caráter puro, elevado...

Kalaphangko, quando voltou a si do espanto, mandou embora os acadêmicos, sem lhes perguntar o que queria. Um estúpido? Era mister tirá-lo da cadeira sem molestá-lo.

Três dias depois, U-Tong compareceu ao chamado do rei. Este perguntou-lhe carinhosamente pela saúde; depois disse que queria mandar alguém ao Japão estudar uns documentos, negócio que só podia ser confiado a pessoa esclarecida. Qual dos seus colegas da academia lhe parecia idôneo para tal mister? Compreende-se o plano artificioso do rei: era ouvir dois ou três nomes, e concluir que a todos preferia o do próprio U-Tong; mas eis aqui o que este lhe respondeu: — Real Senhor, perdoai a familiaridade da palavra: são treze camelos, com a diferença que os camelos são modestos, e eles não; comparam-se ao sol e à lua. Mas, na verdade, nunca a lua nem o sol cobriram mais singulares pulhas do que esses treze...

Compreendo o assombro de Vossa Majestade; mas eu não seria digno de mim se não dissesse isto com lealdade, embora confidencialmente...

Kalaphangko tinha a boca aberta. Treze camelos? Treze, treze. U-Tong ressaltou tão somente o coração de todos, que declarou excelente; nada superior a eles pelo lado do caráter. Kalaphangko, com um fino gesto de complacência, despediu o sublime U-Tong, e ficou pensativo. Quais fossem as suas reflexões, não o soube ninguém. Sabe-se que ele mandou chamar os outros acadêmicos, mas desta vez separadamente, a fim de não dar na vista, e para obter maior expansão. O primeiro que chegou, ignorando, aliás, a opinião de UTong, confirmou-a integralmente com a única emenda de serem doze os camelos, ou treze, contando o próprio U-Tong. O segundo não teve opinião diferente, nem o terceiro, nem os restantes acadêmicos. Diferiam no estilo; uns diziam camelos, outro usavam circunlóquios e metáforas, que vinham a dar na

mesma coisa. E, entretanto, nenhuma injúria ao caráter moral das pessoas. Kalaphangko estava atônito.

Mas não foi esse o último espanto do rei. Não podendo consultar a academia, tratou de deliberar por si, no que gastou dois dias, até que a linda Kinnara lhe segredou que era mãe. Esta notícia fê-lo recuar do crime. Como destruir o vaso eleito da flor que tinha de vir com a primavera próxima? Jurou ao céu e à terra que o filho havia de nascer e viver.

Chegou ao fim do semestre; chegou o momento de destroçar os corpos.

Como da primeira vez, meteram-se no barco real, à noite, e deixaram-se ir águas abaixo, ambos de má vontade, saudosos do corpo que iam restituir um ao outro. Quando as vacas cintilantes da madrugada começaram de pisar vagarosamente o céu, proferiram eles a fórmula misteriosa, e cada alma foi devolvida ao corpo anterior. Kinnara, tornando ao seu, teve a comoção materna, como tivera a paterna quando ocupava o corpo de Kalaphangko.

Parecia-lhe até que era ao mesmo tempo mãe e pai da criança.

— Pai e mãe? repetiu o príncipe restituído à forma anterior.

Foram interrompidos por uma deleitosa música, ao longe. Era algum junco ou piroga que subia o rio, pois a música aproximava-se rapidamente. Já então o sol alagava de luz as águas e as margens verdes, dando ao quadro um tom de vida e renascença, que de algum modo fazia esquecer aos dois amantes a restituição física. E a música vinha chegando, agora mais distinta, até que, numa curva do rio, apareceu aos olhos de ambos um barco magnífico, adornado de plumas e flâmulas. Vinham dentro os quatorze membros da academia (contando U-Tong) e todos em coro mandavam aos ares o velho hino: "Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a claridade do mundo!" A bela Kinnara (antigo Kalaphangko) tinha os olhos esbugalhados de assombro. Não podia entender como é que quatorze varões reunidos em academia era claridade do mundo, e separadamente uma multidão de camelos. Kalaphangko consultado por ela, não achou explicação. Se alguém descobrir alguma, pode obsequiar uma das mais graciosas damas do Oriente, mandando-lha em carta fechada, e, para maior segurança, sobrescrita ao nosso cônsul em Xangai, China.